

FRONTEIRA- (DES)ENCONTRO DE LÍNGUAS E CULTURAS

Rejane Hauch Pinto Tristoni¹

RESUMO: Este artigo aborda questões referentes ao ambiente fronteiriço da região Oeste do Paraná com Paraguai, e ao “brasiguai”. Iniciarei refletindo um pouco sobre a diversidade linguística fronteiriça e, na sequência, farei uma breve reflexão sobre a fronteira e os sujeitos que nela vivem, mais especificamente os “brasiguaios”, mostrando, portanto, que são esses sujeitos, os motivos que os levaram a imigrar para a região leste paraguaia e, ao mesmo tempo, o retorno de alguns deles para o Brasil e, por fim, faço as considerações finais. Esse estudo fundamenta-se em Caiado (1997), Sprandel (2000), Fiorentin (2010), Ferrari (2009) e Albuquerque (2005) para comentar sobre os “brasiguaios” que vivem no Paraguai e Pires-Santos (2004), Teis (2007) Dalinghaus (2009), Pinto e Tristoni (2010), Silva e Tristoni, (2013) para apresentar os “brasiguaios” que retornaram ao Brasil, apontando momentos que esses sujeitos são desrespeitados, estigmatizados e excluídos tanto dentro do contexto escolar como na comunidade onde vivem.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Conflitos identitários. Preconceito. “Brasiguai”.

FRONTERA- (DES) ENCUESTRO DE LENGUAS Y CULTURAS

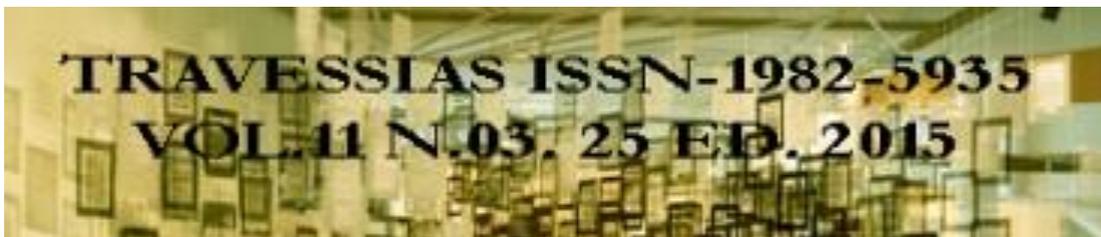
RESUMEN: Este artículo aborda cuestiones relacionadas al contexto fronterizo de la región de Paraná Oeste con Paraguay, y al "brasiguayo". Empiezo reflexionando un poco sobre la diversidad lingüística de la frontera y, en la secuencia, haré una breve reflexión sobre la frontera y los sujetos fronterizos, más específicamente, los "brasiguayos", presentando quien son estos sujetos, los motivos que los llevaron a emigrar a la región este de Paraguay y, al mismo tiempo, el regreso de algunos de ellos a Brasil y, al final, presento las consideraciones finales. Este estudio se basa en Caiado (1997), Sprandel (2000), Fiorentin (2010), Ferrari (2009) y Albuquerque (2005) para reflejar sobre los "brasiguayos" que viven en Paraguay y em Pires-Santos (2004), Teis (2007) Dalinghaus (2009), Pinto y Tristoni (2010), Silva y Tristoni, (2013) para presentar los "brasiguayos" que regresaron a Brasil, apuntando momentos que estos sujetos son desrespetados, estigmatizados y rechazados en el contexto escolar y en la comunidad donde viven.

PALABRAS CLAVE: Identidad. Conflictos identitarios. Prejuicio. "Brasiguayo"

1. Introdução

A diversidade linguística e cultural da região fronteiriça do oeste paranaense com a tríplice fronteira Brasil, Paraguai, Argentina tem sido foco de alguns pesquisadores, tais como Pires-Santos (1999, 2004); Pires-Santos, Cavalcanti (2008, 2010), Sprandel (1992, 2006), Albuquerque (2005), Haesbaert, Santa Barbara (2001), dentre outros.

¹ Docente do Colegiado em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campos Cascavel/PR.



Pessoas de diferentes partes do Brasil e do mundo são atraídas pela diversidade cultural e linguística dessa região fronteiriça por diversos fatores, dentre eles, o turismo das Cataratas do Iguaçu, a construção da Usina Hidrelétrica Binacional de Itaipu, o comércio transfronteiriço, além de um polo universitário que atrai alunos e pesquisadores do Brasil e de outros países.

O plurilinguismo e o pluriculturalismo² dessa região, embora represente uma pequena parte do Brasil, desmitifica a crença de que o país é monolíngue e monocultural. Dessa forma, esse cenário tem despertado o interesse em estudar a diversidade de línguas, culturas³ e povos que vivem na fronteira. Dentre os sujeitos que transitam por esse ambiente fronteiriço estão os “brasiguaios”⁴.

No levantamento que fiz sobre estudos realizados a respeito da imigração brasileiras ao Paraguai, notei que o foco destas pesquisas foi o movimento migratório e suas perspectivas políticas, demográficas, sociológicas. A maioria desses estudos mostra que os “brasiguaios” migraram para o Paraguai e, depois de algum tempo, alguns retornam para o Brasil. Assim, a maioria das pesquisas focaliza o retorno do “brasiguai” ao Brasil e, tais pesquisas, revelam que este retorno é marcado por conflitos e tensões. Afirmam, por exemplo, que o aluno “brasiguai” é rejeitado na escola brasileira e vivencia vários tipos de conflitos.

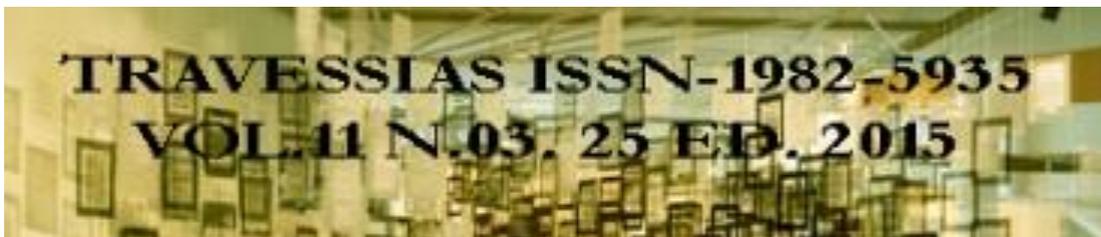
Na sequência, farei uma breve reflexão sobre a fronteira e os sujeitos que nela vivem, mais especificamente os “brasiguaios”.

1. A fronteira - espaço social de (des)envolvimentos culturais, de tensões, conflitos e de (des)encontros identitários.

²Os termos plurilinguismo e pluriculturalismo se referem à diversidade de línguas e culturas encontradas nesta região. Fundamento-me na ideia de César e Cavalcanti (2007) ao explicarem que em qualquer comunidade existe uma multiplicidade e complexidade linguística e cultural (CÉSAR e CAVALCANTI, 2007, p. 61).

³Cultura é aqui compreendida a partir de um conjunto dinâmico, num processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução, está sempre sendo ressignificada, em desenvolvimento, transformando, evoluindo, ela não está acabada, nem é inata, não é herdada biologicamente, ela é adquirida e produzida em seu contexto histórico e mais precisamente na história das relações dos grupos sociais entre si (CUCHE, 2002).

⁴O termo “brasiguai” refere-se aos imigrantes brasileiros que se deslocaram para o Paraguai e aos que, depois de algum tempo, retornam ao Brasil. Tal termo é usado, na maioria das vezes, em sentido pejorativo.



Albuquerque (2009) explica que durante o século XIX e primeira metade do século XX, reuniram-se, para refletir acerca do tema *fronteiras nacionais*, diplomatas, juristas, geógrafos, historiadores, militares e outros. Entre os assuntos tratados por este grupo destacam-se: a) tratados de fronteiras; b) movimentos expansionistas dos Estados nacionais; c) conflitos de limites e redefinições das fronteiras.

O termo *fronteira* referia-se à dimensão militar, territorial e estatal e era vista de um modo generalizado. O conceito que se tinha de *fronteira* era de limite entre duas partes distintas ou, ainda, divisão de dois países, dois estados ou duas cidades, separação de dois territórios diferentes, dentre outros.

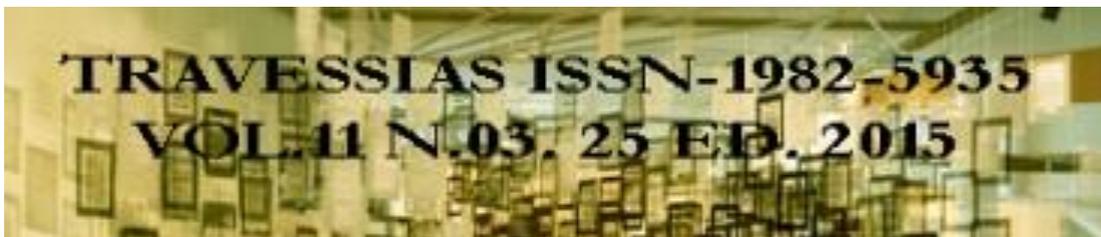
A partir das últimas décadas do século XX e início do século XXI, o estudo sobre fronteiras nacionais passa a ter uma nova reflexão, a de um novo grupo de estudiosos, dos quais se destacam antropólogos e sociólogos. Algumas das preocupações deste grupo eram refletir sobre a população fronteiriça, as formas de exercício de direitos civis, políticos e sociais, bem como refletir sobre outros tipos de fronteiras, tais como, as fronteiras sociais, culturais e simbólicas, as quais se formam, sobrepõem-se, complementam-se e entram em conflito (ALBUQUERQUE, 2009).

Além disso, tem-se, ainda, que as fronteiras territoriais são controladas por mecanismos de proteção à soberania por meio de postos militares e barreiras de fiscalização, os quais são responsáveis pela verificação de pessoas, de mercadorias e do comércio nas zonas fronteiriças.

Ademais de ser conhecida por seu aspecto territorial, ou seja, por um espaço que deve ser controlado e defendido como “lugar de passagem legal ou ilegal e de um comércio dependente desse trânsito, incluindo-se nele a prática do contrabando” (STURZA, 2006, p. 28); a *fronteira* é conhecida também por seu aspecto social que ocorre em decorrência da ocupação de terras de ambos os lados dessa *fronteira* que resulta em um espaço dinâmico de interação, de trocas de culturas, de línguas, de nações.

Neste sentido, Pereira (2011) explica que as fronteiras

[...] podem ser entendidas como *divisa seca* que permite, em tese, maior ir e vir dos moradores que, na maioria das vezes, se autodenominam *fronteiriços* como podem ser fronteiras culturais e étnicas. [...] Fronteiras aqui são entendidas por aquelas áreas onde determinados grupos étnicos se reúnem/vivem, preservando suas culturas e, em muitos casos, suas línguas de “berço” (PEREIRA, 2011, p. 1).

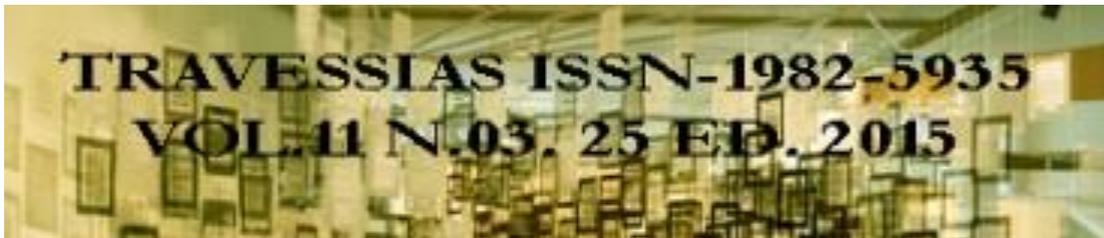


Para Ribeiro (2015), as fronteiras são espaços de enunciação e de contato cultural, étnico, linguístico, entre outros. Esta concepção, além de extrapolar os conceitos e limitações físicas e geográficas que visam a apenas demarcar territórios, mostra também que a fronteira é um lugar de contato cultural, étnico e linguístico, gerando a impressão de que se trata de um espaço harmônico de interações sociais.

Entretanto, nem sempre a fronteira é reconhecida por ser um lugar de diversidade cultural, um cenário de fenômenos migratórios, onde prevalece a ideia de harmonia, de união, de interações, de junção de povos, de culturas, de identidades. Na maioria das vezes, observa-se o contrário, ou seja, fronteira é um espaço social de (des)envolvimentos culturais, de tensões, conflitos e de (des)encontros identitários, de relações de poder, onde o outro, neste caso, o “brasiguai” vivencia e sintetiza a contraditória experiência de conflito e integração (ALBUQUERQUE, 2005, p. 236).

Neste sentido, a fronteira é, para Martins (1997, p.12), essencialmente o lugar da alteridade. É isso o que faz dela uma realidade singular, pois é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si e em meio às diferenças surgem os conflitos fazendo com que a fronteira “seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro” (MARTINS, 1997, p 150).

Em relação ao conflito, Martins (1997, p.12), explica que a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade. É isso o que faz dela uma realidade singular, pois é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como os índios de um lado e os civilizados de outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres, de outro. Ao mesmo tempo, o conflito permite que a fronteira seja um lugar de descoberta do outro e, conseqüentemente, de desencontro. Martins (1997) também aponta que esse desencontro ocorre de duas maneiras: nas relações sociais decorrentes das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um desses grupos humanos; e no desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da História (MARTINS, 1996, p. 27). Em outras palavras, tal desencontro decorre da contraditória diversidade da fronteira, “diversidade que é, sobretudo, diversidade de relações sociais marcadas por tempos históricos diversos e, ao mesmo tempo, contemporâneos” (MARTINS, 1996, p. 30).



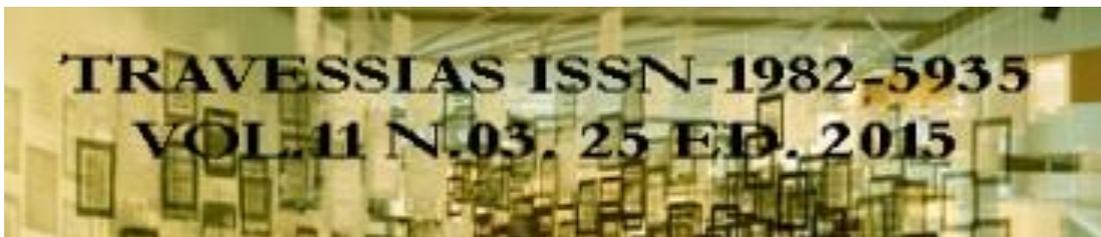
Dessa maneira, surgem, nessa contraditória diversidade da fronteira, as disputas de poder, uma vez que “a fronteira tem um caráter litúrgico e sacrificial, porque nela o outro é degradado para, desse modo, viabilizar a existência de quem o domina, subjuga e explora” (MARTINS, 1997. p.13). Ou seja, a fronteira é marcada por diferentes aspectos, dentre eles, a fronteira espacial, fronteira de culturas, de visões de mundo e, sobretudo, a fronteira do humano (MARTINS, 1997, p.11-13).

Os conflitos existentes na fronteira não são novos. De acordo com Martins (1997), eles resultam de uma complicada combinação de tempos históricos em processos sociais que é a barbárie travestida de modernidade, uma vez que as estratégias, tidas como civilizatórias, para garantir a expansão territorial na fronteira, apenas mascaram a violência e viabilizam determinados grupos em detrimento de outros de forma civilizada. É por isso que a fronteira está longe de ser o território de harmonia e de integração, mas sim um lugar desumanizador, dinâmico e contraditório. Nas palavras de Martins (1997), a “fronteira é, no fundo, exatamente o contrário do que proclama o seu imaginário e o imaginário do poder que muito frequentemente se infiltra no pensamento acadêmico” (MARTINS, 1997, p. 16).

A concepção de fronteira que adoto para esta tese é a de que a fronteira é um espaço de encontro, mas, sobretudo de desencontro cultural, linguístico, entre outros. Isto significa que a ideia de união, de harmonia, de interações, de junção de povos e de culturas é uma fantasia, pois o que há nela são relações sociais que sinalizam relações de poder e de domínio econômico e cultural, dentre outras. O problema é

saber como e por que os indivíduos percebem uns aos outros como pertencentes a um mesmo grupo e se incluem mutuamente dentro das fronteiras grupais que estabelecem ao dizer “nós”, enquanto, ao mesmo tempo, excluem outros seres humanos a quem percebem como pertencentes a outro grupo e a quem se referem coletivamente como “eles” (ELIAS E SCOTSON, 2000, P.38).

De fato, a fronteira é um campo de conflitos de classes, disputas étnicas, tensões nacionalistas. Dentre os conflitos, está o confronto entre camponeses paraguaios, “brasiguaios” e empresários agrícolas brasileiros, os quais revelam disputas de classe, etnia, nação e civilização, uma vez que envolvem a luta pela terra entre brasileiros, “brasiguaios”, paraguaios e camponeses pobres oprimidos de um lado e, de outro, fazendeiros donos de



terras. Há também os conflitos que alunos “brasiguaios” vivenciam em sala de aula, dentre eles, a rejeição, estigmatização, dificuldades de aprendizagem.

Na sequência desenvolvo duas seções, nas quais, na primeira apresento o “brasiguai” no Paraguai e, na segunda, o retorno do “brasiguai” ao Brasil.

2. “O brasiguai” no Paraguai.

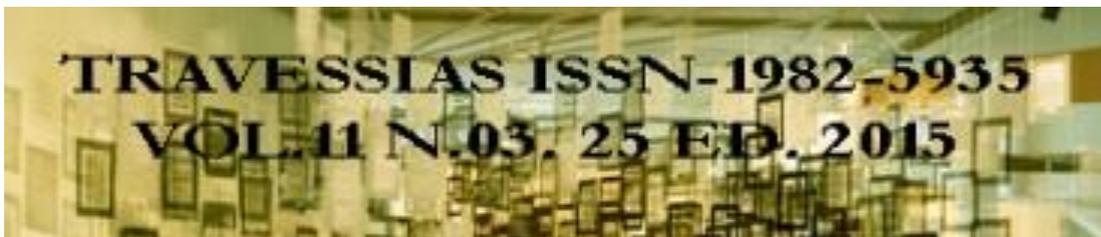
O objetivo desta seção é apresentar uma visão panorâmica sobre o cenário fronteiriço, numa tentativa de mostrar, dentre outros, quem são esses sujeitos chamados “brasiguaios” que vivem no Paraguai e os motivos que os levaram a deixar o Brasil e migrarem para o país vizinho.

Regiões fronteiriças como o oeste paranaense brasileiro e o leste paraguaio são importantes cenários de deslocamentos populacionais. Muitos brasileiros, durante a década de 1960 e 1970, deslocaram-se para o Paraguai e, de acordo com Pires-Santos (2004), estes brasileiros são oriundos de duas regiões brasileiras, sendo que cerca de 80% desses são da região sul e um grupo menos numeroso veio das regiões norte, nordeste e sudeste.

Segundo Caiado (1997) e Albuquerque (2005), há vários fatores que atraíram esses brasileiros para cultivarem terras paraguaias, dentre eles, no Paraguai, as facilidades de créditos agrícolas, os baixos preços das terras e dos impostos e, no Brasil, a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu na década de 1970, uma vez que

para o pequeno proprietário brasileiro que compra terras no Paraguai, surge a possibilidade de um grande aumento de seu capital. As terras no sul do Brasil - especialmente no Paraná, limítrofes ao Paraguai – valem cerca de cinco a oito vezes mais que do lado paraguaio. Dessa forma, um pequeno agricultor pode transformar seus 10 alqueires brasileiros em 50 ou 80. Aquele que tem 50 ou 80 – que no Brasil ainda é uma pequena propriedade- pode se transformar num fazendeiro paraguaio de 250 a 500 alqueires. A multiplicação torna-se maior quando se sabe que a produção no Paraguai é muito mais barata que no Brasil (CHIAVENATO, 1980, p. 97).

Além desses fatores, houve também no Brasil, na década de 1970, a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu que, de acordo com Albuquerque (2005) e Fiorentin (2010), foi um dos grandes fatores que gerou o deslocamento de muitos brasileiros para o Paraguai, após a desapropriação de suas terras, no Oeste do Paraná.



Para Fiorentin (2010), a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu provocou a expulsão dos agricultores atingidos pelo represamento das águas do rio Paraná devido à barragem da usina.

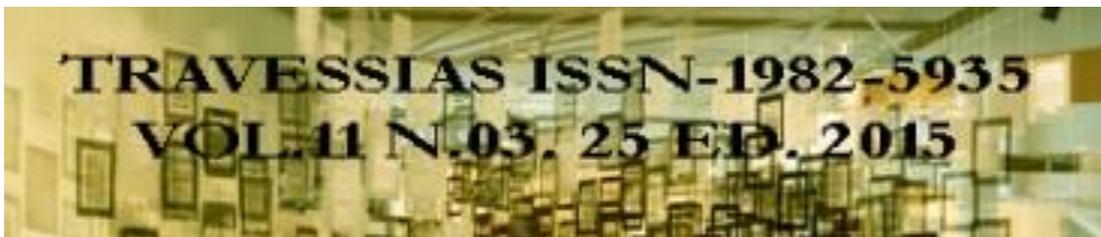
Este cenário mostra, de um lado, os agricultores com suas terras desvalorizadas e desapropriadas e, de outro, no Paraguai, oferta de terras a preços acessíveis levando a maioria destes brasileiros a migrar para o país vizinho atraída pela oferta de terras férteis e baratas. Estes brasileiros se concentraram nas regiões do Alto Paraná e Caaguazú, dando origem às cidades hoje bastante desenvolvidas, como Santa Rita, Naranjal e Santa Tereza, conforme aponta Sprandel (1997).

Souchaud (2007) descreve o caminho dos brasileiros para ao Paraguai na Ponte da Amizade, ponte situada entre as cidades de Foz de Iguaçu/Brasil e Ciudad de Leste no Paraguai, que une um país ao outro.

[...] a partir de la segunda mitad de los años 60, con la construcción del 'Puente de la Amistad' (entre Ciudad del Este y Foz de Iguazú), es el sur brasileño el que se congrega en la frontera paraguaya y la región del Alto Paraná se convierte en el centro del proceso de colonización. Los testimonios recogidos insisten sobre el intenso tráfico que circula en el puente a fines de los años 60 e inicio de los años 70. El espectáculo de la inmigración anima el espacio fronterizo. Los colonos pasan en todo tipo de vehículos, a motor o a tracción a sangre, numerosas familias se amontonan en medio de una pila más o menos compacta de muebles, utensilios domésticos, material agrícola y algunos animales (gallinas, cerdos y veces una vaca) (SOUCHAUD, 2007, p.125).⁵

Não há um número exato que mostre a quantidade de brasileiros que, durante as décadas de 1950, 1960 e 1970, foram para o Paraguai. Palau e Heikel (1987) estimam que entre 1972 e 1978 cerca de 300 mil brasileiros foram para o Paraguai, mais especificamente, para os departamentos do Alto Paraná e Canindeyú. Palau e Heikel (1987, p. 21) explicam que o *Censo de Población y Viviendas de 1962* registrava, no Paraguai, 1.393 estrangeiros.

⁵ [...] a partir da segunda metade dos anos 60, com a construção da 'Ponte da Amizade' (entre Ciudad del Este e Foz do Iguaçu), é o sul do Brasil que se agrega na fronteira paraguaia e a região o Alto Paraná se transforma no centro do processo de colonização. Os testemunhos recolhidos apontam o intenso tráfego que circula na ponte no final dos anos 60 e início da década de 70. O espetáculo da imigração anima o espaço fronteiriço. Os colonos passam em todos os tipos de veículos, a motor ou à tração, famílias numerosas se amontoam no meio de uma pilha mais ou menos compacta de móveis, utensílios domésticos, equipamentos agrícolas e de alguns animais (galinhas, porcos e, por vez, uma vaca) (SOUCHAUD, 2007, p.125).



De acordo com a *Dirección General de Estadística Encuestas y Censos* – DGEEC, registram-se as seguintes informações⁶ sobre o número de brasileiros vivendo no Paraguai, durante o período de 1972 a 2002:

Tabela 8 – Paraguai: Distribuição total de brasileiros no Paraguai durante os anos de 1972 a 2002:

| ANO | NÚMERO BRASILEIROS PARAGUAI | DE NO | PORCENTAGEM DE BRASILEIROS PARAGUAI | DE NO |
|--------|-----------------------------------|----------|--|----------|
| • 1972 | 34.777 | | 42,9% | |
| • 1982 | 98.088 | | 58,3 % | |
| • 1992 | 108.526 | | 56,9% | |
| • 2002 | 81.592 | | 47,3% | |

Fonte: Dados adaptados a partir de informações obtidas no DGEEC - Dirección General de Estadísticas Encuestas y Censos. Asunción, 2015.

Tabela 9 – Paraguai: distribuição por departamentos: população total, total de estrangeiros e de brasileiros, anos de 1992 e 2002.

⁶ Lembro aqui que, segundo o DGEEC, o *Censo de Población y Viviendas de 2012*, não se encontra disponível.

⁷ Observa-se que os dados do ano de 1992 apresentam uma desproporção entre número e a porcentagem de brasileiros no Paraguai, porém foi copiado exatamente como o *Censo de Población y Viviendas de 1992* apresentou o documento, conforme registra a tabela 9 e 10.

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935
VOL.11 N.03, 25 ED. 2015

| Departamentos | 1992 | | | | | 2002 | | | | |
|------------------|---------------------|--|--------------------|-----------------|--------------------|---------------------|--|--------------------|-----------------|--------------------|
| | População total (a) | Total de imigrantes internacionais (b) | Percentual (b)/(a) | Brasileiros (c) | Percentual (c)/(b) | População total (a) | Total de imigrantes internacionais (b) | Percentual (b)/(a) | Brasileiros (c) | Percentual (c)/(b) |
| Concepción | 167.289 | 3.200 | 1,9 | 2.886 | 90,2 | 179.450 | 2.090 | 1,2 | 1.702 | 81,4 |
| San Pedro | 280.336 | 2.761 | 1,0 | 336 | 12,2 | 318.698 | 2.874 | 0,9 | 785 | 27,3 |
| Cordillera | 198.701 | 1.155 | 0,6 | 65 | 5,6 | 233.854 | 2.080 | 0,9 | 147 | 7,1 |
| Guairá | 161.991 | 1.459 | 0,9 | 283 | 19,4 | 178.650 | 2.069 | 1,2 | 237 | 11,5 |
| Caaguazú | 386.412 | 8.240 | 2,1 | 5.728 | 69,5 | 435.357 | 7.328 | 1,7 | 4.227 | 57,7 |
| Caazapá | 129.352 | 3.524 | 2,7 | 3.082 | 87,5 | 139.517 | 3.192 | 2,3 | 2.313 | 72,5 |
| Itapúa | 377.536 | 17.635 | 4,7 | 6.966 | 39,5 | 453.692 | 17.290 | 3,8 | 5.313 | 30,7 |
| Misiones | 89.018 | 1.078 | 1,2 | 62 | 5,8 | 101.783 | 1.520 | 1,5 | 81 | 5,3 |
| Paraguari | 208.527 | 1.221 | 0,6 | 72 | 5,9 | 221.932 | 1.971 | 0,9 | 92 | 4,7 |
| Alto Paraná | 406.584 | 61.718 | 15,2 | 53.205 | 86,2 | 558.672 | 46.499 | 8,3 | 37.824 | 81,3 |
| Central | 866.856 | 20.890 | 2,4 | 1.274 | 6,1 | 1.362.893 | 30.543 | 2,2 | 2.712 | 8,9 |
| Ñeembucú | 69.770 | 1.377 | 2,0 | 9 | 0,7 | 76.348 | 2.195 | 2,9 | 44 | 2,0 |
| Amambay | 99.860 | 7.694 | 7,7 | 7.232 | 94,0 | 114.917 | 6.647 | 5,8 | 6.186 | 93,1 |
| Canindeyú | 103.785 | 26.181 | 25,2 | 24.517 | 93,6 | 140.137 | 17.392 | 12,4 | 16.454 | 94,6 |
| Presidente Hayes | 64.417 | 1.235 | 1,9 | 71 | 5,7 | 82.493 | 1.350 | 1,6 | 94 | 7,0 |
| Alto Paraguay | 11.723 | 200 | 1,7 | 150 | 75,0 | 11.587 | 349 | 3,0 | 307 | 88,0 |
| Chaco | 433 | 2 | 0,5 | 0 | 0,0 | ... | ... | ... | ... | ... |
| Nueva Asunción | 1.450 | 36 | 2,5 | 4 | 11,1 | ... | ... | ... | ... | ... |
| Boquerón | 27.610 | 2.025 | 7,3 | 154 | 7,6 | 41.106 | 1.911 | 4,6 | 315 | 16,5 |
| Asunción | 500.938 | 29.098 | 5,8 | 2.430 | 8,4 | 512.112 | 25.124 | 4,9 | 2.759 | 11,0 |
| Total | 4.152.588 | 190.729 | 4,6 | 108.526 | 56,9 | 5.163.198 | 172.424 | 3,3 | 81.592 | 47,3 |

Fonte dos dados básicos: DGEEC, Censo Nacional de Población y Viviendas 1992 y 2002.

Fonte: CUEVAS, Juana. DGEEC - Dirección General de Estadísticas Encuestas y Censos. Asunción, 2015.

Tabela 10 – Paraguai: população de estrangeiros por sexo e área urbana. Período: 1972 - 2002.

PARAGUAY: Población extranjera por sexo y área urbana-rural, según lugar de nacimiento. Período: 1972 - 2002.

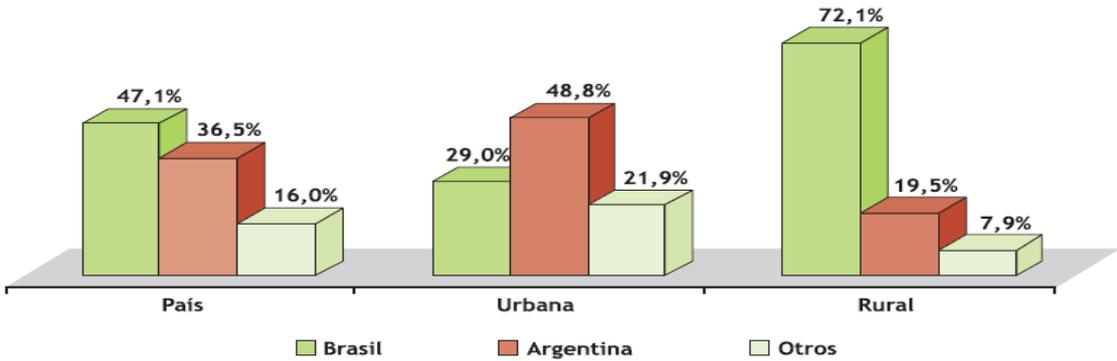
| Lugar de nacimiento | 1972 | 1982 | 1992 | 2002 | | | | |
|--------------------------|--------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|--------|
| | | | | País | Varones | Mujeres | Urbana | Rural |
| Pob. extr. s/ Pob. total | 3,4% | 5,6% | 4,6% | 3,4% | 3,5% | 3,2% | 3,4% | 3,3% |
| Total | 81.100 | 168.104 | 190.907 | 173.176 | 90.112 | 83.064 | 100.343 | 72.833 |
| Brasil | 34.777 | 98.088 | 108.526 | 81.592 | 42.747 | 38.845 | 29.078 | 52.514 |
| Argentina | 28.012 | 43.638 | 49.166 | 63.153 | 31.795 | 31.358 | 48.946 | 14.207 |
| Otros | 18.311 | 26.378 | 33.037 | 27.679 | 15.174 | 12.505 | 21.951 | 5.728 |
| No informado | Sd | Sd | 178 | 752 | 396 | 356 | 368 | 384 |
| Total | 100,0% | 100,0% | 100,0% | 100,0% | 100,0% | 100,0% | 100,0% | 100,0% |
| Brasil | 42,9% | 58,3% | 56,8% | 47,1% | 47,4% | 46,8% | 29,0% | 72,1% |
| Argentina | 34,5% | 26,0% | 25,8% | 36,5% | 35,3% | 37,8% | 48,8% | 19,5% |
| Otros | 22,6% | 15,7% | 17,3% | 16,0% | 16,8% | 15,1% | 21,9% | 7,9% |
| No informado | Sd | Sd | 0,1% | 0,4% | 0,4% | 0,4% | 0,4% | 0,5% |

Fuentes: Censo Nacional de Población y Viviendas. Años 1972/1982/1992/2002.

Fonte: CUEVAS, Juana. DGEEC - Dirección General de Estadísticas Encuestas y Censos. Asunción, 2015.

Tabela 11 – Paraguai: distribuição relativa de população estrangeira por nacionalidade, segundo área urbana – rural, 2002.

PARAGUAY: Distribución relativa de población extranjera por nacionalidad, según área urbana - rural, 2002.

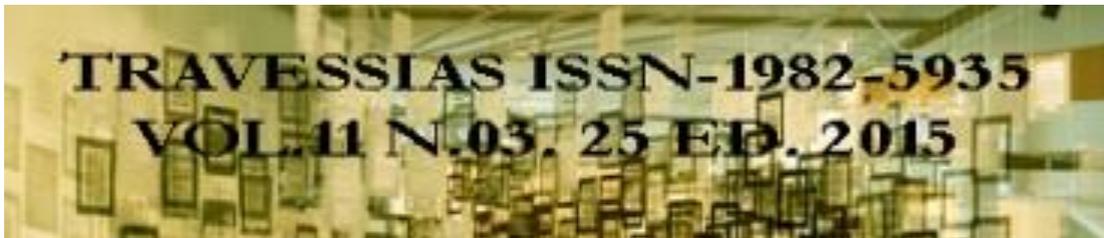


Fonte: CUEVAS, Juana. DGEEC - Dirección General de Estadísticas Encuestas y Censos. Asunción, 2015.

A distribuição relativa da população estrangeira por nacionalidade, segundo área urbana – rural, no período de 2002, conforme mostra a Tabela 11, revela que dos 47,1% brasileiros que vivem no Paraguai, apenas 29% estão na zona urbana, enquanto 72,1% se encontram na zona rural. Porém, para esta pesquisa, o que merece atenção é o total de 81.592 brasileiros vivendo no Paraguai durante este período.

De acordo com os *Censos de Población y Viviendas*, de 1972 a 2002 houve uma variação no número de brasileiros no Paraguai. Tal variação se dá verificando que o censo de 1972 registrou, no Paraguai, 34.777 brasileiros e que no período de 10 anos passou para 98.088, totalizando um acréscimo de 63.311 brasileiros. Verifica-se também que este número em 20 anos, de 1972 a 1992, aumentou para 73.799 brasileiros. Contudo, no período de 1992 a 2002, houve uma redução dessa população, passando de 108.526 para 81.592. Isso significa que entre 1992 a 2002, 26.934 brasileiros deixaram o Paraguai. Esta informação evidencia também que muitos brasileiros retornam, neste período, ao Brasil, conforme mostrarei, na próxima seção, por meio dos censos brasileiros.

Sprandel (1997) informa que, na década de 1980, havia aproximadamente 400 mil brasileiros no Paraguai. Enquanto que, para Wagner (1990), em 1986 viviam no Paraguai



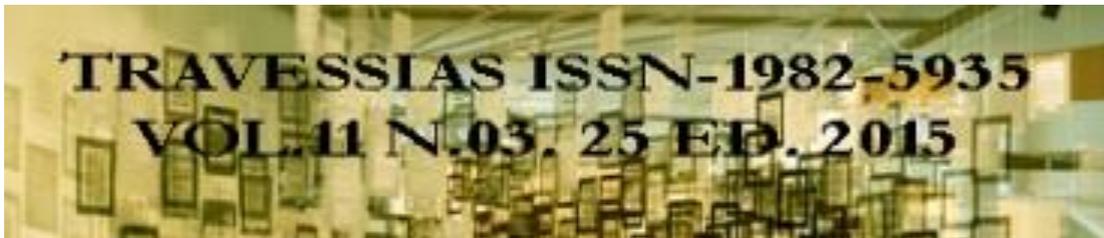
aproximadamente 350 mil brasileiros, uma média, de 5 (cinco) brasileiros para cada paraguaio vivendo em terras paraguaias (WAGNER, 1990).

Albuquerque (2005) estima que atualmente mais de 450 mil imigrantes brasileiros vivam no Paraguai, mais especificamente nas regiões do Alto Paraná, Canindeyú, Amambay, Itapúa, Caaguazu e Caazapá. A presença brasileira, no decorrer das quatro últimas décadas, de acordo com Albuquerque (2005), formou várias colônias e cidades, onde predominam a língua portuguesa, os canais de televisão brasileiros, as músicas e tradições culturais do Brasil.

Caiado (1997) explica que os brasileiros que moram no Paraguai se dividem em pelo menos quatro grupos, sendo que o primeiro grupo é constituído por uma espécie de burguesia agrária relativamente capitalizada, cujos integrantes são proprietários de 100 ou mais hectares de terras; já o segundo grupo é formado por agricultores médios que têm título da terra e ocupam entre 20 e 100 hectares de terras férteis, entretanto, mostra Caiado (1997), sem uma capitalização importante. O terceiro grupo constitui-se de arrendatários, ou seja, agricultores capitalizados, mas sem terra; e, por fim, o quarto grupo é formado por agricultores sem título da terra, conhecidos como “brasiguaios”, que ocupam áreas inferiores a cinco hectares, são proprietários com título provisório, famílias agregadas que trabalham por contrato, na maioria das vezes, verbal, em terras alheias, bem como assalariados agrícolas sem terras e sem contratos fixos, os quais formam o maior grupo.

Assim como Caiado (1997), Sprandel (2000), Fiorentin (2010), Ferrari (2009) e Albuquerque (2005), em suas pesquisas realizadas no Paraguai, também observaram que, entre os imigrantes brasileiros, ocorre a formação de grupos. Esses pesquisadores relatam que são chamados de “brasiguaios” no Paraguai apenas aqueles brasileiros que são pobres e excluídos, enquanto aqueles que foram para o Paraguai e conseguiram terras e posses continuam sendo chamados de brasileiros e, além dessa diferença, percebe-se que os “brasiguaios” são explorados e rechaçados, em terras paraguaias, pelos paraguaios e, pior, pelos próprios brasileiros donos de propriedades no Paraguai, conforme explica Ferrari (2009),

Existe uma diferença clara entre “brasiguaios” e “brasileiros no Paraguai”. Os primeiros “são os pobres, os oprimidos, os sem direitos trabalhistas e sociais, enfim, aqueles sem pátria e sem esperança”; os segundos, pelo contrário, “têm pátria, porque têm poder econômico,



político e simbólico para escolher a pátria que melhor lhes convier” (FERRARI, 2009, p. 113).

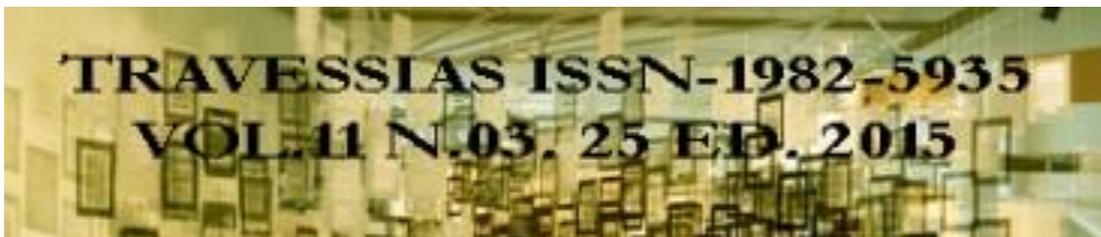
Essas pesquisas mostram que “brasiguaios” são mais excluídos e marginalizados pelos brasileiros que pelos paraguaios. Se por um lado, têm paraguaios que culpabilizam os “brasiguaios” pelo fato de os “brasileiros” terem tomados suas terras, chamando-os de “invasores, haraganes, coimeiros, rapai, sucios⁸, etc.” (FERRARI, 2009, p. 142), por outro lado, têm os brasileiros, que moram no Paraguai, rechaçando e explorando os “brasiguaios” por eles serem pobres, de forma que são “tratados com preconceito muito mais acentuado pelos chamados “*brasileiros no Paraguai*” que pelos próprios paraguaios” (FERRARI, 2009, p. 145).

Diante disso, percebe-se que, nessas comunidades investigadas por esses pesquisadores, há relações de poder, hierarquia de classes, na qual quem domina são os considerados brasileiros e os dominados são os paraguaios e “brasiguaios” pobres. Outro fato interessante ocorre em relação à aceitação da cultura paraguaia, já que os considerados brasileiros tentam manter os costumes e cultura trazidos do Brasil e rechaçam o que se refere ao Paraguai, conforme registra Ferrari (2009).

os brasiguaios com maior condição financeira que, no caso seriam os “brasileiros no Paraguai” não adquirem seus costumes, suas comidas, em suma, não internalizam sua cultura de maneira plena, e permanecem no país em tais condições, na imensa maioria, explorando a mão-de-obra paraguaia e até mesmo a brasiguaia, formada por camponeses que perderam suas propriedades e não tiveram condições financeiras para retornar ao Brasil (FERRARI, 2009, p. 109).

Albuquerque (2005) também relata o desprestígio dos “brasiguaios” diante de brasileiros e paraguaios; ele mostra que o termo “brasiguaio” não é aceito pelos brasileiros que têm algum recurso econômico ou poder político, pois a palavra está associada ainda àqueles que não têm documentos, pobres, marginalizados, “pés rapados” (sic). A não aceitação dessa categoria por esses setores que ascenderam socialmente simboliza um critério de distinção de classe. É mais valorizado ser paraguaio do que ser “brasiguaio” (ALBUQUERQUE, 2005, p. 235).

⁸ Tradução desses termos: Invasores, preguiçosos, que cobram propina, que mandam, sujeitos.



O que se percebe é que, embora os imigrantes brasileiros sejam chamados, na maioria das vezes, de “brasiguaios”, esta denominação parece não ser aceita pelo grupo, pois ela revela valor negativo e pejorativo.

Na próxima seção, apresento pesquisas que focalizam o retorno de alguns “brasiguaios”, objetivando mostrar como estes sujeitos são representados no Brasil, bem como alguns conflitos que eles vivenciam.

3. O retorno de “brasiguaios”

Esta seção objetiva mostrar o retorno desses imigrantes ao Brasil, que, conforme apontaram os censos paraguaios, apresentados anteriormente, muitos brasileiros entre 1992 a 2002 deixaram o Paraguai.

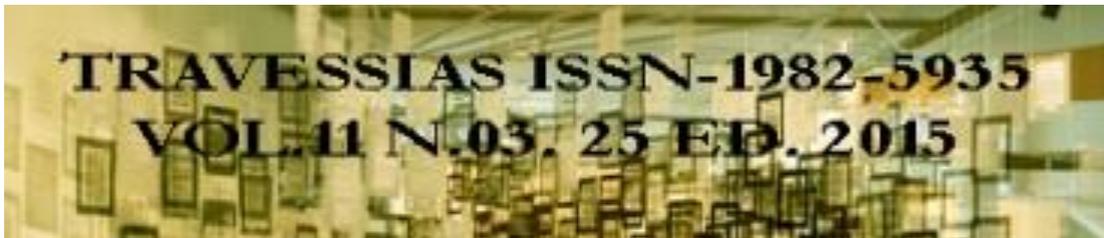
Esse retorno ocorreu, principalmente, nos estados do Paraná, por meio da fronteira que liga a cidade brasileira de Foz do Iguaçu com o departamento paraguaio do Alto Paraná, e também no Mato Grosso do Sul, conforme mostra os Censos Demográficos brasileiros de 1991 e 2000.

Tabela 12 – Brasil: Unidades da Federação de destino de Imigrantes (a) e de Retornados do Paraguai (b) durante 1986/1991 e 1995/2000

| Unidades da Federação selecionadas | 1986/1991 | | | 1995/2000 | | |
|------------------------------------|----------------|----------------|-------------|----------------|----------------|-------------|
| | Imigrantes (a) | Retornados (b) | % (b)/(a) | Imigrantes (a) | Retornados (b) | % (b)/(a) |
| São Paulo | 922 | 615 | 66,7 | 1.639 | 1.032 | 63,0 |
| Paraná | 4.276 | 3.625 | 84,8 | 20.815 | 17.077 | 82,0 |
| Santa Catarina | 281 | 212 | 75,4 | 2.253 | 1.791 | 79,5 |
| Rio Grande do Sul | 505 | 457 | 90,5 | 1.029 | 739 | 71,8 |
| Mato Grosso do Sul | 4.063 | 3.203 | 78,8 | 6.401 | 5.065 | 79,1 |
| Mato Grosso | 154 | 129 | 83,8 | 2.092 | 1.875 | 89,6 |
| Demais UFs | 530 | 416 | 78,5 | 1.214 | 839 | 69,1 |
| Total de retornados | 10.731 | 8.657 | 80,7 | 35.443 | 28.418 | 80,2 |

Fonte dos dados básicos: IBGE. Censos Demográficos de 1991 e 2000.

Os censos revelam que, entre 1986 a 1991 e 1995 a 2000, houve um aumento de imigrantes retornados do Paraguai. Para se ter uma ideia, no período de 1995 a 2000, o Paraná foi um dos estados que mais recebeu imigrantes do Paraguai e, na sequência, Mato



Grosso do Sul. Esses dados fornecidos pelo Censo Demográfico brasileiro coincidem com as informações do DGEEC - Dirección General de Estadísticas Encuestas y Censos do Paraguai, mostradas na seção anterior.

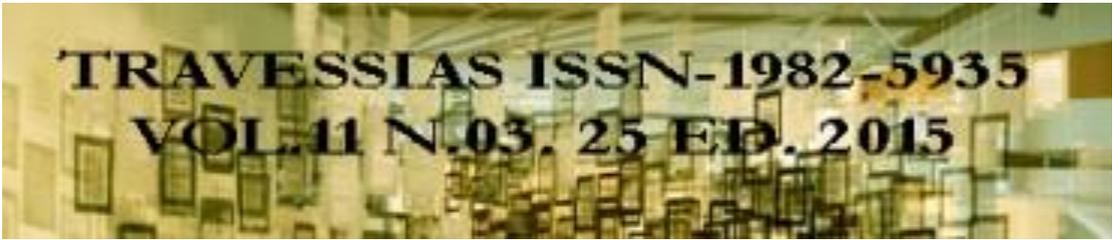
Considerando este número representativo de imigrantes que retornaram ao Brasil, apresento, nessa seção, como foi este retorno, como esses imigrantes foram recebidos em sua terra natal e, principalmente, como a escola brasileira recebeu estes imigrantes.

Lembro, aqui, que estamos em uma região de fronteira e, por isso, o ideal seria que as escolas estivessem preparadas para lidar com situações de plurilinguismo e pluriculturalismo, uma vez que o Paraná, foi um dos estados que mais recebeu famílias inteiras de imigrantes, ou seja, muitas escolas paranaenses receberam os filhos desses imigrantes, alfabetizados em escolas paraguaias, cujos idiomas oficiais são o guarani e o espanhol.

De acordo com Sprandel (1992), Wagner (1990) e também com os censos mencionados, durante a segunda metade da década de 1980 ocorreu o retorno de “brasiguaios” vindos do Paraguai para o Brasil. Segundo Wagner (1990) não houve um cálculo exato que mostrasse o número de brasileiros que deixava o Paraguai, porém ele estima que cerca de 60 mil camponeses retornaram para o Brasil, pois

nunca existiu um cálculo de quantos colonos abandonavam diariamente o Paraguai no final do primeiro semestre de 86. Mas podiam ser observados por qualquer pessoa que se postasse, por alguns instantes, na fronteira dos dois países. Eles saíam daquele país com os seus filhos ao colo e carregando os seus pertences em trouxas feitas de cobertas (WAGNER, 1990, p. 27).

A descrição do retorno feita por Wagner (1990, p.27) é exatamente contrária à descrição feita por Souchaud (2007, p.125), apontada na seção anterior, no momento em que os brasileiros atravessaram a fronteira rumo ao Paraguai, pois, enquanto Souchaud (2007) descreve o trajeto de saída dos imigrantes brasileiro, no espaço fronteiriço, como um cenário alegre, no qual os colonos atravessavam a fronteira com seus pertences adquiridos no Brasil, dentre eles, veículos, utensílios domésticos, equipamentos agrícolas e animais (SOUCHAUD, 2007, p.125), Wagner (1990) apresenta a trajetória da volta desses imigrantes de modo triste e desanimador: Eles saíam daquele país com os seus filhos ao



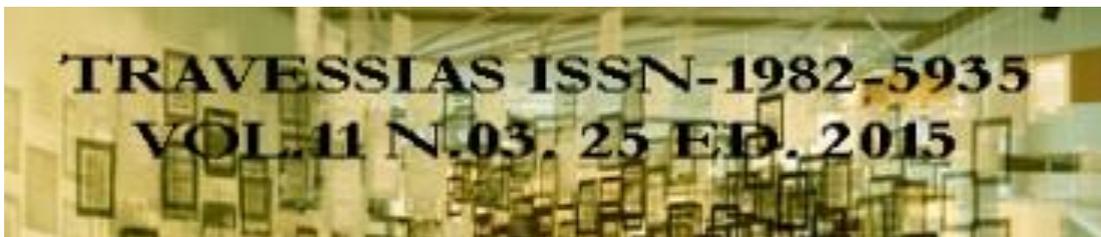
colo e carregando os seus pertences em trouxas feitas de cobertas (WAGNER, 1990, p. 27).

Como se percebe, o retorno foi marcado por dificuldades, principalmente, financeira, pois, segundo a descrição feita por Wagner (1990, p.27), além de atravessarem a fronteira a pé, não traziam objetos valiosos, apenas alguns pertences enrolados em trouxas feitas de coberta, revelando, com isso, que eles não tinham sequer malas e carros para trazerem sua mudança e seus filhos.

Essa travessia de fronteira revela o início de problemas que os “brasiguaios” começavam a enfrentar, pois ao chegarem, de fato, no lugar escolhido para morar, depararam-se com muitas outras dificuldades como, por exemplo, a busca de aceitação, reivindicação de seus direitos, reconhecimento de sua identidade, conforme mostra Wagner (1990), ao descrever a origem do termo “brasiguaião”.

Wagner (1990) explica que este nome surgiu em uma reunião na cidade Mundo Novo/MS, em 1985, em um momento em que se discutia e se organizava estratégias para controlar a entrada desses camponeses no Brasil e, durante essa reunião, um dos camponeses lamentou da seguinte forma, “então quer dizer que nós não temos os direitos dos paraguaios porque não somos paraguaios; não temos os direitos dos brasileiros porque abandonamos o país. Mas, me digam uma coisa: afinal de contas, o que nós somos? ” (WAGNER, 1990, p. 20). Logo, na sequência, a resposta do deputado federal do PMDB/MS Sérgio Cruz foi: “vocês são uns “brasiguaios”, uma mistura de brasileiros com paraguaios, homens sem pátria? ” (WAGNER, 1990, p. 20). Sendo assim, a denominação “brasiguaios” é usada, no Paraguai, para reconhecer os brasileiros pobres que vivem lá e aqui no Brasil para denominar aqueles que voltam para cá (SPRANDEL, 1992; 1997).

O termo “brasiguaião”, na maioria das vezes, está carregado por uma semantização negativa, desprestigiada, criada pela sociedade para caracterizar um povo considerado sem pátria, que não recebe apoio do governo nem de um país nem de outro, e que não é aceito nem pela sociedade paraguaia nem pela sociedade brasileira. Haesbaert e Santa Bárbara (2001) explicam que, na maioria das vezes, a denominação “brasiguaios” é vista como estigma para aquele que a carrega. Os “brasiguaios” que retornam ao Brasil, quase sempre, são tidos como os fracassados, os miseráveis, os sem-terra, incapazes, são estigmatizados pelos setores constituídos da sociedade. Ferrari (2009) explica que em 1985, época dos primeiros retornos, os “brasiguaios” “foram classificados como “espertalhões”,



“perigosos”, “estranhos”, “ameaçadores”, por toda a sociedade, pela elite política e, principalmente, pelos latifundiários, que se sentiam temerosos quanto a terem suas fazendas invadidas pelos chamados “brasiguaios” (FERRARI, 2009, p. 128)

A maioria dos “ss”, quando volta do Paraguai, instala-se na fronteira do Brasil, Paraguai e Argentina. Essa fronteira é um cenário de fenômenos migratórios, pois já atraiu moradores de várias origens, principalmente, descendentes de alemães e italianos que chegaram à Região Oeste do Paraná na década de 1950 (RIBEIRO, 2002 p. 49), bem como atrai pessoas que transitam pelo Brasil, Argentina e Paraguai e, ainda, segue atraindo pessoas de todo mundo, dentre elas, árabes, chineses, coreanos, indianos e os “brasiguaios”.

Além de ser um local de conflitos, a fronteira também é um local de (des)encontro de várias línguas e culturas e, portanto, este ambiente plurilíngue e pluricultural desmistifica a crença de que o Brasil é um país monolíngue e monocultural, pois, desse contexto fronteiriço, num ambiente plurilíngue surgem, junto ao português, as línguas minoritárias desafiando a escola e os sujeitos que aí vivem, na maioria das vezes, identidades fragmentadas⁹, (MOITA LOPES, 2002) como, por exemplo, o aluno “brasiguaios” que tem vivenciado vários tipos de conflitos e de problemas.

Um exemplo de conflitos vivenciados por aluno “brasiguaios” observei durante as visitas, como orientadora¹⁰ de Prática de Estágio, aos colégios públicos de Cascavel. O que chamou minha atenção foi a presença de alunos que falavam espanhol e que estes alunos vivenciavam situações de rejeição e conflitos. Percebi, por exemplo, a dificuldade que alguns professores tinham em perceber que a escrita de alunos oriundos do Paraguai não se tratava de erros, mas interferências das línguas em que foram alfabetizados, neste caso, o espanhol e guarani. Logo, pude notar que muitos professores não conseguem identificar as

⁹A expressão “identidades fragmentadas” significa que as identidades não são estáveis nem fixas nem são homogêneas, elas estão sempre em processo, em mudança e, além disso, que um mesmo sujeito, dependendo de suas práticas discursivas e de seu posicionamento, possui várias identidades sociais e, por isso, as identidades, construídas socialmente nas interações, são fragmentas, contraditórias e estão em processo (cf; Signorini, 1998; Maher, 1998; Moita Lopes 1998, 2002, 2003, 2008; dentre outros).

¹⁰ A reflexão que faço tem como base projetos de pesquisa e de extensão que desenvolvi, bem como parte de minha experiência como orientadora de Prática de Estágio realizada na UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Colegiado de Letras, Centro de Educação, Comunicação e Artes, porém essa reflexão fundamenta-se, sobretudo, em pesquisas e em estudos desenvolvidos por pesquisadores como Pires-Santos (2004), Pereira (2001), Cavalcanti (1999), dentre outros.

dificuldades de aprendizagem dos alunos “brasiguaios” e tampouco sabem como lidar com situações de plurilinguismo e pluriculturalismo na escola.

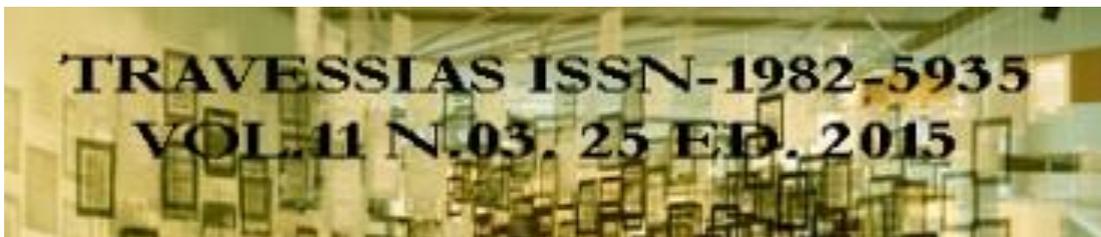
Refiro-me aqui a casos observados¹¹, tais como, o uso da linguagem híbrida¹² na produção escrita de alunos “brasiguaios”, dentre eles, o emprego de um só **-s**, onde deveria ter dois como em **paseio**; o emprego do **-ç** cedilha em **voçe**; o emprego das letras **-z** no lugar de **-ç** para representar o fonema /s/, como **abrzo**. Lembro que no espanhol não existem palavras grafadas com **ss**, nem **ç**. Há, ainda, ocorrências como: letra **-c** para grafar o fonema /k/ em **cuando**; o emprego da letra **z** em **comezou** para representar o fonema /s/.

Notei também que alunos brasileiros registravam o mesmo tipo de trocas de letras como, por exemplo, uso de um **-s** no lugar de **-ss** ou **-ç**, entretanto estes não eram rejeitados como os alunos “brasiguaios”. Parece que essa troca de letras era considerada mais grave quando cometida por um “brasiguaião”. Além disso, pude perceber que os alunos “brasiguaios” nem percebiam a correção do professor, eles não entendiam o porquê sua produção escrita sempre vinha grifada e marcada com o sinal de um “X” como, por exemplo, o “cuando”, parece que o que faltava era o professor explicar, neste caso, que a palavra “quando”, em português se escreve com **q** e não com **c**.

Percebi, também, durante uma conversa informal com alguns professores, que eles desconheciam o fato de estes alunos terem sido alfabetizados em espanhol e guarani no Paraguai e ignoravam a produção desses alunos e, apenas, detinham-se em fazer a correção ortográfica. Pires-Santos (2004) explica que, na maioria das vezes, a avaliação que se faz da escrita desse aluno geralmente é negativa e, para a pesquisadora, o problema maior “é que esse julgamento muitas vezes acaba sendo correlacionado ao seu desenvolvimento cognitivo, o que pode reforçar o preconceito e o estereótipo do aluno incapaz.” (PIRES-SANTOS, 2004, p, 198). Pude constatar este reforço negativo, que Pires-Santos (2004) menciona, ao observar as atitudes preconceituosas dos colegas de classe em relação ao aluno “brasiguaião”, ou seja, o julgamento do professor reforçava a rejeição dos colegas.

¹¹ Esses “casos observados”, que menciono, referem-se a projetos de pesquisa e de extensão que desenvolvi e, sobretudo, minha experiência como orientadora de Prática de Estágio

¹²A expressão “linguagem híbrida” usada aqui se refere a uma linguagem multifacetada, heterogênea, fluida e que se modifica nas práticas sociais, ao contrário da visão homogênea, monolítica e estável da língua (cf; BHABHA,1998; CESAR e CAVALCANTI, 2007)).



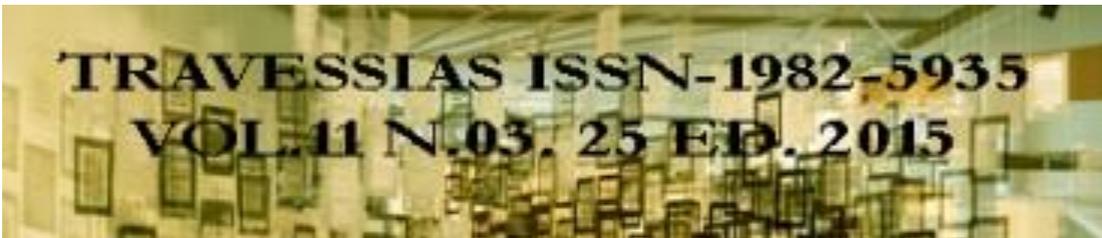
Silva (2011) também verificou casos como este em que o professor não consegue constatar a presença de um aluno bilíngue¹³. Na maioria das vezes, o professor, além de não considerar a origem brasiguaiia, ensina a esse aluno como se a língua portuguesa fosse sua língua materna desde seu nascimento e durante toda a sua vida. Essa autora constatou que os “brasiguaios” sofrem preconceito e que, na maioria das vezes, este preconceito está relacionado ao fato de ter morado no Paraguai, portanto, há preconceito tanto em relação ao paraguaio como ao “brasiguai”. Além disso, Silva (2011) descreve a fala e a escrita de um aluno “brasiguai” de 25 anos de idade. Para a autora, tanto a fala como a escrita revelaram a influência da língua espanhola e, embora este aluno tenha morado durante 20 anos no Paraguai e tenha mostrado ter domínio do espanhol na oralidade, escrita e leitura, o professor afirmou desconhecer a origem desse aluno e, ainda, que nunca tinha notado que se tratava de um aluno “brasiguai” e era, portanto, bilíngue. No entanto, no próprio questionário deste aluno, entregue para a pesquisa, foi constatada a mescla do português e do espanhol na escrita. Ou seja, “a escola, muitas vezes, silencia diante de situações que fazem seus alunos alvo de discriminação, transformando-se facilmente em espaço de consolidação de estigmas” (BRASIL, 2000, p. 24).

Essa ação de não perceber o aluno “brasiguai” ou, em outras palavras, de ignorá-lo e apagá-lo, ocorre ao longo do trabalho letivo, ou seja, o professor não considerou as dificuldades apresentadas e até mesmo não percebeu a mescla do português e do espanhol na escrita. O professor, possivelmente por falta de formação, não consegue identificar a presença deste aluno, suas dificuldades e, portanto, não dará o auxílio necessário para que ele supere as dificuldades no processo de ensino-aprendizagem.

Pires-Santos (2004) explica que o fato de não reconhecer que esses alunos foram alfabetizados no Paraguai gera dificuldades em relação à língua portuguesa, os invisibiliza e, ao mesmo tempo, leva tais alunos a “apagar sua identidade híbrida e se identificarem com o grupo de maior prestígio, os ‘estabelecidos’¹⁴ da comunidade escolar e do entorno social”

¹³Neste caso o “brasiguai” é considerado bilíngue, pois ele foi alfabetizado em espanhol e guarani e, além disso, fala o português em sala de aula.

¹⁴Elias & Scotson (2000), em “Os estabelecidos e os *outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade”, apresentam os resultados de um estudo sociológico a respeito de um pequeno povoado industrial na Inglaterra, protegido, pelos pesquisadores, pelo nome fictício de Winston Parva. Os autores perceberam que os habitantes daquele povoado se separaram em dois grupos: estabelecidos e *outsiders*. O primeiro grupo se auto-representa como seres superiores, dotados de valores e qualidades, enquanto o segundo grupo, é estigmatizado e excluído. No decorrer dessa Tese discutirei sobre Os estabelecidos e os *outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade”.



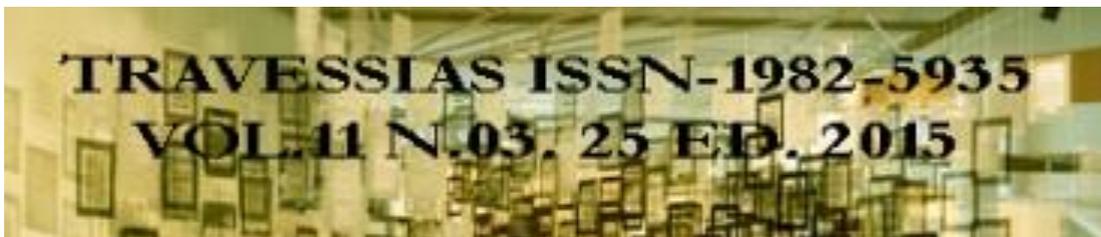
(PIRES-SANTOS, 2004, p.8) e, portanto, ainda nas palavras de Pires Santos (2004) isso mostra que continua no Brasil a manutenção do mito do monolinguismo linguístico e, por conseguinte, o apagamento de sua realidade multilíngue, multidialetal e multicultural.

Ao explicar os problemas de aprendizagem dos alunos “brasiguaios”, alguns professores revelam um olhar preconceituoso ao apontar a dificuldade de escrita, ou de aprendizagem deste representante de grupo minoritário, tais como: “ele não aprende mesmo”, “ele é paraguaio”, “ele vem do Paraguai”, “ele é *xiru*”, “ele é preguiçoso”, etc. Tais dificuldades não estão relacionadas à falta de conhecimento do “brasiguai”, pois é normal que este aluno, alfabetizado em espanhol e em guarani, copie mais devagar que os demais, ou, ainda, que não compreenda determinados assuntos, uma vez que este aluno não tem domínio do português na escrita, já que o português do qual ele faz uso lhe foi transmitido oralmente por meio de seu ambiente familiar e não por meio do ambiente escolar (SILVA e TRISTONI, 2013).

Durante esse processo de aquisição da língua portuguesa, Teis (2007) explica que os alunos “brasiguaios” lançam hipóteses sobre a forma correta da escrita por não dominarem as regras ortográficas desta língua, ocorrendo assim “empréstimos, interferências ou transferência da língua espanhola para a língua portuguesa no momento em que passam a adquirir o código português escrito” (TEIS, 2007, p. 74). A pesquisadora atenta para o fato de que a língua espanhola deveria ser considerada como primeira na escolarização e na modalidade escrita e somente a partir dela ocorreria a transferência de conhecimentos para a aquisição da língua portuguesa, que, neste caso, deveria ser considerada como segunda língua.

Von Borstel (1999) completa ao afirmar que “as interferências podem ocorrer inconscientemente pelo falante bilíngue, por fatores emocionais e situacionais que podem influenciar, em todos os níveis do sistema de uma língua, fonológico, morfológico, sintático lexical e semântico” (VON BORSTEL, 1999, p. 62).

Dalinghaus (2009) em pesquisa realizada em uma escola de Ponta Porã, Mato Grosso do Sul, fronteira com a cidade de Pedro Juan Caballero, Paraguai, observou a ocorrência do monolinguismo, no qual a escola parece que, além de buscar a homogeneidade e querer contemplar a norma padrão, deseja evitar os “sotaques”, as marcas do falar paraguaio. Vale lembrar que nessa escola 90% dos alunos são paraguaios ou “brasiguaios”, falantes de espanhol e guarani, entretanto, embora haja um grande número



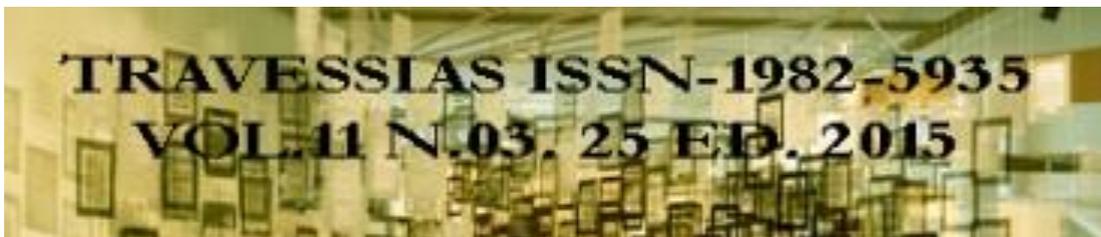
de alunos oriundos do Paraguai, é proibido o uso de outra língua ou, em outras palavras, apenas é permitido que se fale o português (DALINGHAUS, 2009).

Outro caso semelhante a este é o conflito vivenciado por *Nancy*, nome fictício de uma aluna “brasiguiaia” de uma escola da rede pública de ensino da cidade de Cascavel, Paraná, a qual apresentava dificuldades de aprendizagem, além de vivenciar preconceitos e de ser estigmatizada pelos colegas de classe (PINTO e TRISTONI, 2010).

Exemplo como o de Nancy, que apresenta um baixo rendimento escolar devido à dificuldade em escrever em língua portuguesa, fez com que a aluna fosse conhecida como “fraca” ou “apática” e, o pior, os colegas a tratavam como “burra”, causando-lhe desânimo e desmotivação para participar das aulas. Além dessas dificuldades afetivas e escolares, ela não tinha um grupo de amigos e, por isso, vivia sempre isolada. Nancy era ridicularizada e chamada, dentre outros termos, de *xiru* que em guarani significa amigo e, no entanto, para os brasileiros significa “falsificado” (PINTO e TRISTONI, 2010).

As pesquisas mencionadas mostram que a língua portuguesa continua sendo imposta dentro do ambiente escolar e gera, dentre outros, medo, vergonha e insegurança aos alunos. Esta ideia torna-se mais visível quando Dalinghaus (2009) registra os sujeitos de sua pesquisa nos momentos de lazer como, por exemplo, no recreio, ao mudarem rapidamente seu modo de falar no momento em que se deparam com algum professor ou zelador, deixando claro seus medos e inseguranças diante de seu modo de falar, bem como diante do “outro” (DALINGHAUS, 2009). De acordo com Skinner (1998), esses medos e inseguranças produzem um comportamento chamado ‘esquiva’, ou seja, aquilo que gera opressão, insegurança, rejeição e cobrança, o que leva o sujeito a esquivar-se ou, em outras palavras, fugir de situações que lhe causem conflitos e, ainda, o pesquisador explica que essa atitude de se esquivar diminui a possibilidade de interação social.

Além disso, essas pesquisas realizadas sobre o “brasiguiaio” que vive no Brasil revelam que alunos “brasiguaios” são considerados “fracos” e propícios à reprovação (PIRES-SANTOS, 2004); (PIRES-SANTOS; CAVALCANTI, 2008, 2010) e, ainda, que muitos acabam abandonando as salas de aulas, bem como seu próprio país, preferindo, na maioria dos casos, voltar ao Paraguai ou envolver-se com outros grupos minoritários, estigmatizados e marginalizados. Nas palavras de Skinner (1998), tais alunos se esquivam de tudo o que lhes provoca insegurança, medo e desconforto.



Tais pesquisas mostram, também, a necessidade de professores sensíveis ao ambiente pluricultural (CALVACANTI, 1998) e a falta de reconhecimento da diversidade do português falado no Brasil, o que acaba gerando conflitos, principalmente no ambiente escolar, no qual “a escola tenta impor sua norma lingüística como se ela fosse, de fato a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc.” (BAGNO 2001, p. 15).

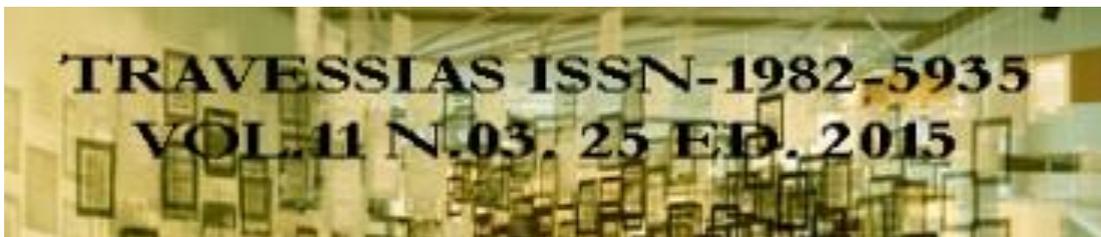
Outro dado que as pesquisas citadas sobre os “brasiguaios” evidencia é que, embora o currículo escolar apresente vários discursos, nos quais se afirmam que todos têm direito à escola e que todos devem ser respeitados conforme propõem, por exemplo, a LDB e o PCN do Ensino Fundamental, os quais determinam que o ambiente escolar deve “conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais [...]” (BRASIL, 1998, p.06), todas essas propostas e discursos estão bem distantes da realidade escolar, principalmente, da região de fronteira.

Pennycook (1998) também alerta sobre a necessidade de entender as escolas como arenas culturais complexas, onde formas diversas estão em conflito permanente. O pesquisador orienta que “precisamos compreender, acima de tudo, a política cultural do ensino de línguas” (PENNYCOOK, 1998, p. 47).

Portanto, em outras palavras, apesar de muitas propostas de uma “escola para todos”, tais propostas não se sustentam em situações de conflitos, conforme aponta Pereira (2001).

Nota-se, por meio dessas pesquisas, que muitos representantes de grupos minoritários são desrespeitados dentro do contexto escolar, dentre eles, os “brasiguaios”. Estes passam por situações de estigmatização e de desrespeito em vários níveis, como a proibição de falar sua própria língua dentro da escola. Lembro, diante dessa situação, que se trata de alunos que recém chegaram do Paraguai e, portanto, foram alfabetizados em espanhol e guarani e pouco sabem da língua portuguesa (DALINGHAUS, 2009).

Percebe-se, também, a contínua prática do monolinguismo que gera vários conflitos, dentre eles, o desrespeito ao outro, o descaso ao cenário fronteiriço plurilíngue e pluricultural e, principalmente, a rejeição em relação ao “brasiguaião”, que é parte desse



cenário, além de evidenciar o descumprimento dos documentos que norteiam a educação, como mostram Pires-Santos (2004) e Cavalcanti (2008).

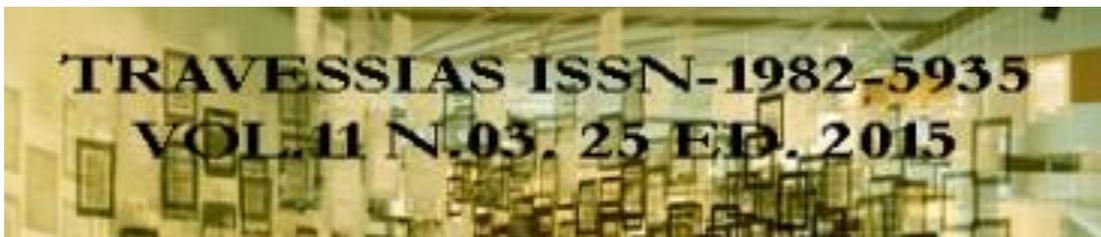
Logo, por meio da prática do monolinguismo, estabelece-se o conceito de língua superior e de prestígio ao falante da língua portuguesa e de língua inferior e de desprestígio ao imigrante, ao indígena, ao outro, ao “brasiguaiio”. Assim, estabelecem-se as relações de desigualdades, de poder e, diante desse quadro, as diferenças culturais e linguísticas são vistas com rejeição, e isso contribui para a manifestação do preconceito e da estigmatização, resultando, quase sempre, no fracasso e na evasão escolar.

Dessa maneira, mostrei fatos vivenciados por “brasiguaios” que explicitam conflitos étnicos, linguísticos e de construção da identidade, bem como seus reflexos na vida escolar. Ressalto que a escola é um dos principais espaços institucionalizados onde se consolidam os discursos identitários¹⁵, pois “é na escola que em geral a criança se expõe, pela primeira vez, às diferenças que nos constituem e que, portanto, representam as primeiras ameaças ao mundo da família” (MOITA LOPES, 2002, p. 16). E, ainda, que a escola é o local de encontro das diversas línguas e culturas ou, em outras palavras, a escola é o local em que se encontram crianças e jovens, revelando-se culturalmente, e convivendo com a diversidade cultural (VON BORSTEL, 2007, p.104), entretanto esse encontro e essa convivência, na maioria das vezes, é conflituosa, o que comprova o (des)encontro de línguas e culturas, como mostraram as pesquisas apresentadas.

Considerações finais

O ser humano vive em contextos, nos quais estão presentes várias identidades sociais, dentro desses contextos, coexiste homofobia, racismo, xenofobia, intolerância, etc. São várias identidades sociais coexistindo em várias práticas sociais, nas quais há sempre uma identidade que se sobressai a outra, uma que domina, que tende a ser produtora, que oprime e, a outra, a dominada, a que recebe um valor negativo.

¹⁵Discurso pode se referir à linguagem em uso, mas pode também se referir ao modo como as pessoas agem no mundo, com elas mesmas e com os outros, em suas práticas sociais. Moita Lopes (2002), desenvolvendo os estudos de Fairclough (1992, p. 63), explica que “discurso é um modo de ação, uma forma na qual as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente umas sobre as outras” (MOITA LOPES, 2002, p. 93)



A fronteira é um campo de conflitos de classes, disputas étnicas, tensões nacionalistas. Dentre os conflitos, está o confronto entre camponeses paraguaios, “brasiguaios” e empresários agrícolas brasileiros, além da rejeição e estigmatização que muitos alunos “brasiguaios” vivenciam, dentre outros.

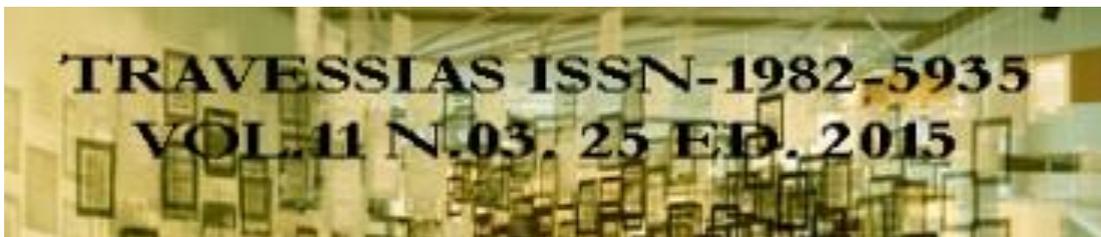
Apesar do esforço de tantos linguistas aplicados, dentre eles, SIGNORINI (1998), KLEIMAN (1998), MEY (1998), MOITA LOPES (1998, 2002) CAVALCANTI (1999), SANTOS (2004, 2010) em orientar sobre as consequências negativas causadas pela imposição do monolinguismo na escola e na sociedade de modo geral, sobretudo em se tratando da grande diversidade linguística e cultural brasileira, ainda prevalece, na maioria das escolas, o apagamento da complexidade linguística, que gera a invisibilidade ao aluno considerado pertencente a grupos minoritários ou, em outras palavras, a imposição do monolinguismo brasileiro, o qual não traz contribuições eficazes para a educação, pois toma

“a linguagem como um sistema homogêneo, em que se busca o “puro”, automaticamente influencia-se uma determinada atitude em relação às práticas linguísticas do aluno “brasiguaiio”, contribuindo para a exclusão e a rejeição”(PIRES-SANTOS, 2004, P. 228)

Além disso, tem gerado a ideia que a cultura e a língua do outro é amorfa, sem valor, sem prestígio, estabelecendo, ainda, as relações de poder, as quais são eficazes para determinar quem é, nessa hierarquia, o explorador, o dominador, o pertencente a grupos de prestígio e quem são os explorados, os dominados, os rejeitados e sem prestígio. Portanto, essas relações sociais que ocorrem nas regiões fronteiriças sinalizam relações de poder e de domínio econômico e cultural.

Diante do exposto neste trabalho, espero que haja mais reflexões e propostas que contribuam para a formação docente e, ainda, que cursos de licenciatura e de formação docente tenham, entre seus objetivos, o de sensibilizar os futuros professores para o contexto plurilíngue e multicultural brasileiro e, além disso, que possa oferecer subsídios para reflexões e discussões sobre as dificuldades que a escola encontra ao deparar-se com problemas de estigmatização como, por exemplo, o caso de alunos “brasiguaiio”.

REFERÊNCIAS



ALBUQUERQUE, José Lindomar C. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais**. A imigração brasileira no Paraguai. Fortaleza: Tese Doutorado. Universidade Federal do Ceará, 2005

_____. **A dinâmica das fronteiras**: Deslocamento e circulação dos ssl entre os limites nacionais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, no. 31: p. 137-166, jan./jun., 2009.

BHABHA, H.K. **O local da cultura**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 1998.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 8 ed. São Paulo: Edições Loyola. 2001.

_____. **Por uma sociolinguística militante**. In Bortoni-Ricardo. *Educação em Língua Materna*, São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. Brasília. MEC/SEF. 2000.

CAIADO, Aurélio Sérgio Costa. **A emigração internacional de brasileiros o sentido da saída**. São Paulo: *São Paulo em Perspectiva* 11 (4) 1997.

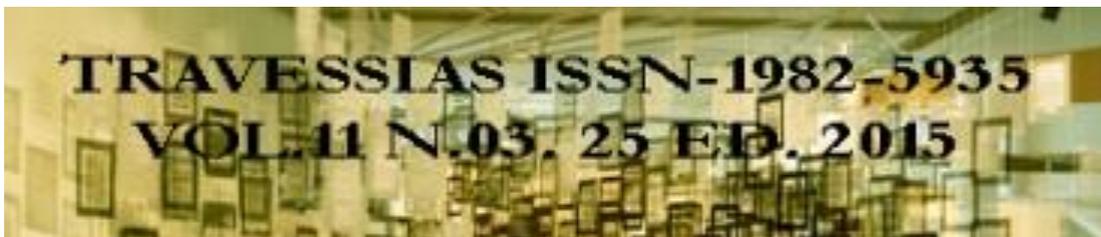
CAVALCANTI, Marilda Couto. Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em linguística aplicada: implicações éticas e políticas. In: MOITA LOPES, L. P. da. (org.). **Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil**. *D.E.L.T.A.*, vol. 15, nº especial, 1999, p. 385-417.

CÉSAR, A. L.; CAVALCANTI, M. C. Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. In: CAVALCANTI, M. C.; BORTONI-RICARDO, S. M. (orgs.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

CHIAVENATO, Júlio José. **Stroessner**: Retrato de uma Ditadura. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2002.



CUEVAS, Juana. DGEEC - Dirección General de Estadísticas Encuestas y Censos. **Censo de población y vivienda**. Naciones Unidas. Asunción, 2015.

DALINGHAUS, Ione V. **Alunos brasiguaios em escolas de fronteira Brasil/Paraguai**: um estudo linguístico sobre aprendizagem do Português em Ponta Porá, MS. Cascavel: Dissertação de Mestrado. UNIOESTE, 2009.

ELIAS, Norbert. SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J.Z.E. 2000.

FERRARI, Carlos Alberto. **Dinâmica territorial na(s) fronteira(s)**: um estudo sobre a expansão do agronegócio e a exploração dos brasiguaios no norte do Departamento de Alto Paraná-Paraguai. Dourados: Dissertação Mestrado. Universidade Federal da Grande Dourados, 2009.

FIORENTIN, Marta Izabel. **A experiência da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010)**. Curitiba: Dissertação Mestrado. Universidade Federal do Paraná, 2010.

HAESBAERT, Rogério; SANTA BÁRBARA, Marcelo. **Identidade e migração em áreas transfronteiriças**. IN GEOgraphia, vol.3, nº5, Rio de Janeiro, Universidade Federal Fulminense, 2001. <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/53/51> (acesso em 11/02/2014).

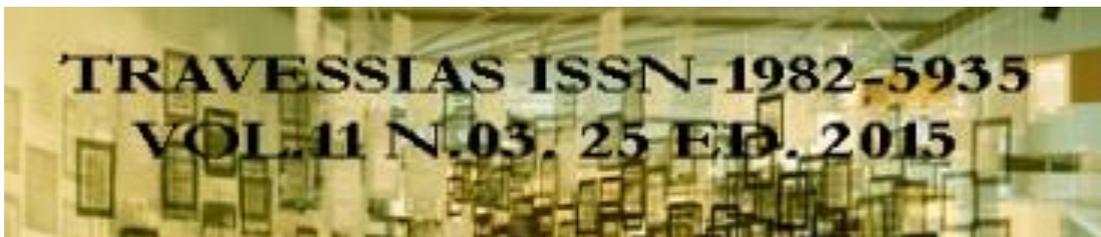
HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Migração e Deslocamento**. Rio de Janeiro: IBGE, 2001. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/> Acesso em: 22/05/2015.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo, Hucitec, 1997.

_____. **O tempo da fronteira. Retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira**. Tempo Social; Revista de Sociologia. USP, SP, 1996. Disponível em: www.revistas.usp.br/ts/article/download/86141/88825 Acesso em: 17/03/2015.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, Luis Pablo da. (org.). **Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar**. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2008.



_____. **Discursos de Identidades:** discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras. 2003.

_____. **Identidades Fragmentadas:** a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras. 2002.

_____. **Discursos de identidade em sala de aula de leitura de L1:** a construção da diferença. In: SIGNORINI, I. (Org). Língua(gem) e identidade. Campinas: Mercado de letras. 1998.

PENNYCOOK, A. A Linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (orgs.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

PEREIRA, Maria Ceres. O português e as línguas nas fronteiras: desafios para a escola. *Revista Siple.* Ed. 2. Ano 2, n. 1. Brasília: 2011. Disponível em http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=172:3-o-portugues-e-as-linguas-nas-fronteiras--desafios-para-a-escola&catid=57:edicao-%20&Itemid=92%3E. Acesso em junho de 2015.

_____. ANGNES, J. S. Monolinguismo Vs. Bilinguismo: imagens e mitos. In: FIUZA, A.F.; OLIVEIRA S. R. F. (Org.). **O Bilingüismo e Seus Reflexos na Escolarização do Oeste do Paraná.** Cascavel: EDUNIOESTE, 2006, 21-34.

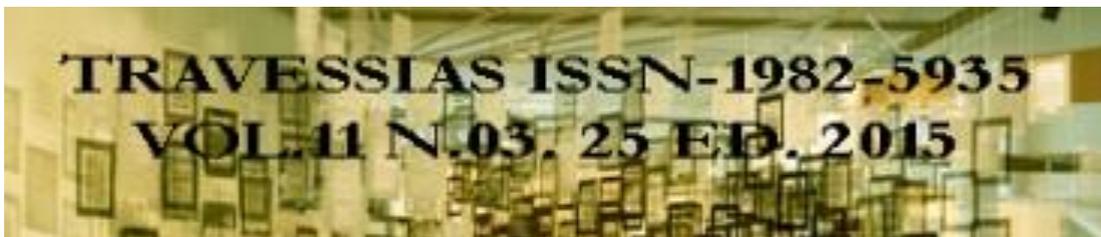
_____. **(Re)aprendendo Português.** Cadernos do IL (ISSN 010418-86) n° 21 do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2001.

PINTO, Sergio Ricardo Aurélio; TRISTONI, Rejane Hauch P. **Estigmatização e construção de identidades territorial e cultural – Caso Nancy.** Anais do *II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem.* Cascavel: UNIOESTE, 2010.

PIRES-SANTOS, Maria Elena; CAVALCANTI, Marilda Do Couto **Ambivalência de termos e conceitos: implicações para a linguagem híbrida em contexto de fronteira.** Cascavel: Revista Línguas & Letras, Vol. 11, n°20, 2010.

_____. _____. **Identidades híbridas, língua(gens) provisórias – alunos “brasiguaios” em foco.** *Trabalhos em Linguística Aplicada.* Campinas, 47, n.2, 2008, p. 429-446.

_____. **O cenário multilingüe/multidialeto/multicultural de fronteira e o processo identitário “brasiguai” na escola e no entrono social.** Campinas: UNICAMP, Doutorado em Linguística Aplicada, 2004.



_____. **Fatores de risco para o sucesso escolar de crianças “brasiguaias” nas escolas de Foz do Iguaçu:** uma abordagem Sociolingüística. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, 1999.

RIBEIRO, Maria F. B. **Memórias do Concreto:** vozes na construção de Itaipu. Cascavel: Edunioeste, 2002.

RIBEIRO, Simone Beatriz Cordeiro. **Língua(s) de fronteira:** o ensino da língua espanhola em Guaíra, Paraná. Cascavel: UNIOESTE, Doutorado em Letras, 2015.

SIGNORINI, Inês. **Lingua(gem) e identidade.** Campinas: Mercado de Letras. 1998.

SILVA, Grasiela Mossmann da. **Integração e conflito entre filhos de brasileiros e filhos de paraguaios:** um estudo de caso etnográfico em uma escola de Santa Rita – Py. Toledo: Dissertação de Mestrado. UNIOESTE, 2014.

_____; TRISTONI, Rejane Hauch Pinto. Diversidade Cultural e Linguística nas escolas de fronteira Brasil/Paraguai. Cascavel: **Revista Travessias**, 2010. Disponível em <e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/6214/4846>. Acesso em abril de 2013.

_____. **Construção e reconstrução da identidade de alunos brasiguaios, representantes de grupos minoritários estigmatizados, dentro do contexto escolar.** Trabalho de Conclusão de Curso. Cascavel: UNIOESTE. 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

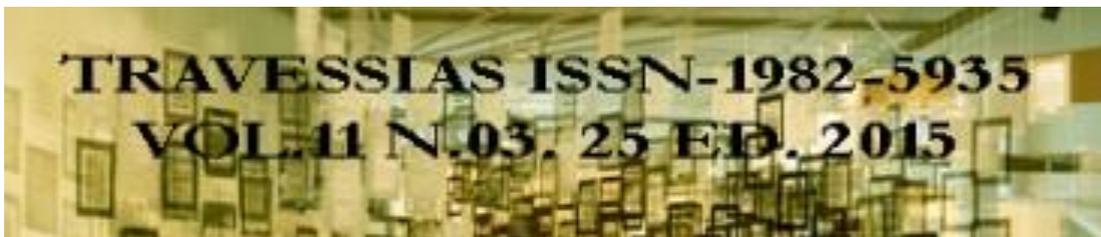
SILVERMAN, David. **Interpretação de dados qualitativos:** métodos para análise de entrevistas, texto e interações. Trad. Magda França Lopes. 3ª ed Porto Alegre: Artmed, 2009.

SKINNER, B.F. **Ciência e Comportamento Humano.** Trad.J.C.Todorov&R.Azzi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SPRADLEY, James P. **Participant observation.** Fort Worth: Harcourt Brace College Publishers, 1980.

SPRANDEL, Marcia Anita. **Brasileiros na fronteira com o Paraguai.** Estud. av.[online]. 2006, vol.20, n.57, p. 137-156.

_____. "Aqui não é como na casa da gente": comparando agricultores brasileiros na Argentina e no Paraguai. In: FRIGERIO, Alejandro, RIBEIRO, Gustavo Lins (Orgs.). **Argentinos e brasileiros:** encontros, imagens e estereótipos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.



_____. Brasileiros de além-fronteira: Paraguai. In: **O fenômeno migratório no terceiro milênio**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Brasileiros de Além-Fronteira: Paraguai**. In V Congresso de Antropologia. 1997. Disponível em: <http://www.naya.org.ar/congresos/contenido/laplata/LP4/15.htm>. Acesso em 24 de fevereiro de 2014.

_____. **Brasiguaios: Conflitos e Identidades em Fronteiras Internacionais**. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: PPGAS, Museu Nacional, 1992.

SOUCHAUD, Sylvain; CARMO, Roberto Luiz do. **Migração e mobilidade no Mercosul: a fronteira do Brasil com Bolívia e Paraguai**. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 15, 2006, Caxambu. Anais Caxambu: ABEP, 2006. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_702.pdf>. Acesso em 16/06/2015.

_____. **Geografía de la migración brasileña en Paraguay**. Asunción: UNFPA-ADEPO, 2007. 382 p.

STURZA, Eliana R. **Línguas de Fronteira e Políticas de línguas: uma história das idéias linguísticas**. Campinas, 2006. Tese de Doutorado. Campinas. UNICAMP, 2006.

TEIS. Denise Terezinha. Interferências linguísticas bilíngües em produções escritas. **Revista Trama**, v. 3, n. 5, p. 73 - 87, 2007.

_____. **A construção da identidade do aluno brasiguaiio**. Cascavel, PR.: Dissertação de Mestrado. UNIOESTE, 2004.

VON BORSTEL, C. N. Traços de línguas em contato: uma prática para o cotidiano de sala de aula. In: **Anais da 10ª JELL - Jornada de Estudos Linguísticos e Literários – Curso de Letras Unioeste/Mal. Cândido Rondon**, v. 1, p. 101-111, 2007.

WAGNER, Carlos. **Brasiguaios: homens sem pátria**. Petrópolis: Vozes. 1990.

ZAAR, Miriam Hermi. **A migração rural no oeste paranaense / Brasil: a trajetória dos "brasiguaios"**. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. 2001. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn-94-88.htm>>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2014

_____. **A produção do espaço agrário em Marechal Cândido Rondon/PR entre 1940 e 1991**. Dissertação de Mestrado Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina/SC, 1996.